

A MORTE ENQUANTO LIMITE EXISTENCIAL FOTOGRÁFICO: ENTRE O MATERIAL E IMATERIAL

Ricardo Chiaradia¹

RESUMO

O presente artigo propõe investigar as influências epistemológicas para discutir o fenômeno existencial da morte na história da civilização ocidental, utilizando história, filosofia e psicologia como referenciais teóricos. O objetivo é preservar as contribuições de cada abordagem, transcender a arbitrariedade das credências medievais e explorar como estas não se mostraram eficientes ao longo da história. Ao contrário, tais credências frequentemente resultaram na exclusão imediata daqueles que não se conformavam às normas estabelecidas e no monopólio da fé massiva. Um exemplo marcante é o período da caça às bruxas, que resultou em milhares de mortes de mulheres. Após o Iluminismo, surgiram naturalmente novas questões filosóficas sobre a existência, influenciadas pela psicanálise freudiana e pela filosofia existencial sartriana, ambas fundamentais para a compreensão da morte. O recorte bibliográfico abrange desde o estoicismo até a modernidade, destacando que a morte é expressada por meio de tradições culturais significativas que buscam prolongar a vida diante da vulnerabilidade do anonimato e do esquecimento. Um aspecto central do estudo é a análise da cultura material, com ênfase na teoria da semiótica barthiana sobre a fotografia. Como consideração final, a fotografia é vista como um instrumento crucial que não apenas captura momentos vividos, mas também preserva memórias, sensações tangíveis e evidências visuais que enriquecem nosso entendimento da morte e da vida humana ao longo do tempo diante do mistério e paradigma vida-morte.

Palavras-chave: História, Filosofia, Semiótica, Morte, Psicologia.

INTRODUÇÃO

No senso comum ocidental a palavra morte envolve o término de sentimentos, imagens, representações, crenças e perdas, de maneira histórica e transversal, as teorias continuam instigando a temática da morte, seja através das intuições místicas do senso comum ou por meio do empirismo no mundo científico especificamente na área da saúde mental que necessita de debates amplos. A interpretação teológica medieval imperou de maneira radical na condenação de indivíduos que não correspondem à cosmovisão moral predominantemente católica da Idade Média, como intervenção de saúde psicológica para trabalhar a temática da morte, o código de ética do psicólogo aponta fronteiras obrigatórias para o exercício da psicoterapia (Conselho Federal de Psicologia, 2005).

Trata-se de uma temática delicada, associada com processos de luto e cuidados paliativos, o que inclui a importância da compreensão epistemológico-histórica deste fato inevitável para prática da psicologia clínica e para a fenomenologia do existir. Com o objetivo de aproximar o leitor dos parâmetros éticos e estéticos para discorrer sobre o fenômeno da

¹ Graduado em Psicologia (Atitus-IMED) Psicólogo 07/34358 e Mestre em Filosofia: Área de Concentração Ética e Filosofia Política (PUCRS).

morte, o método de revisão bibliográfica no plano da psicologia e historicidade, para possíveis conexões com a literatura clássica e discussões existenciais que envolvem a ética; deve-se levar em consideração que a investigação limitou-se ao âmbito da cultura ocidental embasando uma discussão final sobre as fronteiras presentes entre o ser e o morrer, dilema que acompanha o humano na angústia existencial.

METODOLOGIA

A metodologia utilizada foi revisão bibliográfica de maneira narrativa e contemplativa em diferentes áreas de conhecimento com o objetivo de explicitar a historicidade da morte e consequentemente a especificidade do fenômeno enquanto limite existencial. Como desdobramento a dimensão historiográfica e psicológica é aludida em torno da psicanálise e epistemologia gerando analogia com personagem que inaugura a literatura de ficção científica de Mary Shelley no século XIX.

HISTORICIDADE E EPISTEMOLOGIA

Na antiguidade os estoicos viam a morte como um evento natural e inevitável, parte do curso da vida que não deveria ser temida, acreditavam na aceitação serena da morte como parte da ordem cósmica e uma oportunidade para a virtude final e o fim das perturbações da vida. A filosofia estoica enfatizava o controle das emoções diante da morte e a preparação para enfrentá-la com equanimidade, o filósofo romano Sêneca (4 a.C. – 65 d.C.) influenciou a compreensão do envelhecimento paulatino que conduz a consciência e sabedoria na senectude, de passos silenciosos que caminham diariamente, onde a brevidade da vida é brusca, necessitando experimentar e valorizar os momentos da vida através das emoções (SÊNECA, 2007).

Tabela 1: Temporalidade da Morte²

Temporalidade da Morte		
Estoicos IV a.C	Parte natural da ordem cósmica.	Cíclica

² Fonte: Levinas, E. *O tempo e o outro*. Tradução de José Pinto Ribeiro. 2ª ed. São Paulo, SP: Perspectiva, 2000. Hawking, S. *A história do tempo: do big bang aos buracos negros*. Tradução de Maria Helena Rouanet. 5ª ed. São Paulo, SP: Intrínseca, 2018.

Medievais V d.C	Momento de transição e divisão de mundos teológicos.	Linear
Modernidade XVI e Pós-Modernidade XX	Desmistificação através da ciência psicanalítica e física. Perda de um sentido existencial subjetivo no mundo objetivo. Conquista de si-mesmo(a) (<i>self</i>).	Fragmentada e Interligada

Através de uma perspectiva histórica, o período da Idade Média reflete posições definidas sobre a finitude, pois o tempo regente era linear, ou seja, continha uma interpretação de início e fim de todos os fenômenos em perspectiva universal. O início, meio e fim do universo reduzia-se ao comando de Deus e o moribundo estava destinado a enfrentar o juízo final no último suspiro acamado no quarto e rodeado de pessoas, em geral familiares para a rede de apoio diante da crença divisória entre anjos de deus e demônios de satã conforme figura 1 e 2 na página seguinte (ARIÈS, 2012).

Figura 1 e 2³



Gravura do livro *Ars Moriendi* do final do século
XII — Tentação por impaciência



Gravura do livro *Ars Moriendi* do final do
século XII — Estimulo na convicção

³ Fonte: ARIÈS, P. (2012) História da morte no Ocidente: da Idade Média aos nossos dias. (ed. especial). (Priscila Viana de Siqueira, Trad.). Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira. (Obra original publicada em 1977).

Para Pilagallo (2010) a história do Cristianismo é composta de cenários obscurantistas representados pela morte como por exemplo a caça às bruxas na Idade Média de 1550 a 1650 que resultou em números aproximados de 50 a 100 mil mortes incluindo conflitos entre católicos e protestantes, a inquisição promovida pela Igreja Católica gerou sofrimento extremo de modo que o dilema do espírito original do cristianismo (amor ao próximo) não é respeitado nas diversas tentativas de institucionalizar a ética cristã ao longo da história ocidental, no século XII: “Acreditava-se em uma vida além da morte que não ia necessariamente até a eternidade infinita, mas que promoveria uma conexão entre a morte e o final dos tempos. Assim, a ideia do Juízo Final está ligada, em minha opinião, à da biografia individual, mas esta biografia só é concluída no final dos tempos, e não apenas na hora da morte.” (ARIÈS, 2012, p.52)

Posteriormente no século XX as bases filosóficas de Jean-Paul Sartre (1905-1980) inquietaram a filosofia ao afirmar que a existência precede a essência possibilitando a autonomia construtivista do psicológico individual em experiências fenomenológicas na obra *O Ser e o Nada* (2010, 2014) destaca a importância de apropriar-se da liberdade e compreensão do limite da existência explicitado pela morte. O ato de morrer enquanto no campo das ideias possíveis indica força e vigor que estimula a coragem existencial, dado que a morte escapa da experiência de controle direto e quando ocorre perde-se a consciência permanecendo historicamente como uma ideia abstrata ao campo da experiência humana, assim a possibilidade do estudo do *corpo* se emancipa com a iluminação do conhecimento conforme figura 3:

Figura 3: British Museum - Londres, A lição de anatomia de Dr. Tulp, 1632, Rembrandt.⁴



⁴ Fonte Ariès, P. (2012) História da morte no Ocidente: da Idade Média aos nossos dias. (ed. especial). (Priscila Viana de Siqueira, Trad.). Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira. (Obra original publicada em 1977).

No século XII até XIX havia a tradição católica de contato com participação social maior diante do fenômeno *morte* na Idade Média, eventos de juízo final onde reuniam-se pessoas da família ao redor da cama no quarto do moribundo e a convivência social que funcionava perto de cemitérios. Com a industrialização da sociedade moderna, o conceito de morte passou a ter outros significados como por exemplo na década de o 1980 o diagnóstico de CÂNCER ou AIDS, que foram automaticamente atrelados ao estado de morte à vítima da doença pela gravidade crônica:

Melhor do que o esqueleto ou a múmia dos macabros dos séculos XIV e XV, mais do que o leproso com sua matraca, atualmente o câncer é a morte. Mas é preciso que a doença seja incurável (ou que tenha a fama de sê-lo) para que assim deixe transparecer a morte e lhe dê seu nome. A angústia que libera, então, leva a sociedade a multiplicar apressadamente as habituais senhas de silêncio, a fim de reduzir esse caso demasiado dramático [...] (ARIÈS, 2012, p. 222).

O sociólogo Norbert Elias (1897-1990) critica a falsa e romântica narrativa de que na Idade Média a morte era mais compreendida do que nas sociedades industriais, argumenta que a morte sempre foi um mecanismo de poder social, direcionando pecadores à condenação através de cenários como o purgatório (cristão), tártaro (grego), naraka (budista), gehenna (judaico e cristão) ou aniquilamento (evangélico). Diante da crítica social questiona-se o pensamento mágico das tradições mantidas para crianças lidando com a perda de entes queridos, como: "Ele foi para o céu" ou "Ele está cuidando de você lá em cima", para o sociólogo, esses simbolismos fantasiosos de fábulas tendem a evitação de processo natural de luto e tristeza na criança quando perde alguém na família, enquanto supervalorizam ações de personagens fictícios que têm perpetuado divisões sociais ao longo da história da civilização (ELIAS, 2001).

As concepções do luto na segunda metade do século XIV iniciava recusa dos sentimentos de *luto* devido junção da angústia que na compreensão da psicológica emerge enquanto entendimento tanto para os familiares quanto os conhecidos do/a falecido/a. A *negação* cria fantasias para encobrir a realidade, por exemplo falar para crianças: “o vovô está em um paraíso florido no céu” e outras histórias fábulas, a pressão social de ignorar a morte sem seu processo doloroso traz influxos para o psiquismo segundo o historiador:

A proibição do luto leva o sobrevivente a aturdir-se com o trabalho ou, ao contrário, a atingir o limite da loucura, a fingir que vive na companhia do

defunto, como se este ainda estivesse presente ou, ainda, a colocar-se em seu lugar, a imitar seus gestos, palavras e manias e, por vezes, em plena neurose, simular os sintomas da doença que o matou (ARIÈS, 2012, p.242).

A fatalidade entre humano diante da morte abrange o conceito do mundo dos vivos e mundo dos mortos durante a idade média, com crença da visagem biográfica do próprio indivíduo e todas as contemplações teológicas, a lacuna da sensação de fracasso era preenchida através das interpretações teológicas: “Contudo, entre nosso sentimento contemporâneo de fracasso pessoal e aquele do fim da Idade Média, existe uma diferença muito interessante. Hoje em dia não estabelecemos relação entre nosso fracasso pessoal e nossa mortalidade humana. A certeza da morte, a fragilidade de nossa vida são estranhas a nosso pessimismo existencial” (ARIÈS, 2012, p.60).

Figura 4: G. Foglia - Cemitério em Paris⁵



G. Foglia — cemitério em Paris

Observa-se segundo Ariès (2012) que a tradição da cultura de *túmulos* não está ligada às religiões pré-cristãs, sendo o século XIX e XX uma revolução no folclore do senso comum

⁵ Fonte Ariès, P. (2012) História da morte no Ocidente: da Idade Média aos nossos dias. (ed. especial). (Priscila Viana de Siqueira, Trad.). Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira. (Obra original publicada em 1977).

que indica a França como ponto de partida de valorizar o local em que o morto vai se encontrar para depositar lamentos e visitas; nota-se que a visão comunitária anterior colocava o cemitério junto à cidade, assim como indica a nomeação de *ruas internas* do cemitério. Conforme o cemitério foi sendo deslocado para longe da organização social, os tímpanos das igrejas e templos góticos sustentam-se como locais onde a distância significa modernidade, outros elementos capitalistas entram em questões incluindo a insalubridade e posição asséptica diante do solo repleto de cadáveres próximos ao cotidiano.

PSICANÁLISE, FOTOGRAFIA E TABU MATERIAL-IMATERIAL

Com a criação da psicanálise no século XX, Sigmund Freud (1856-1939) introduziu a noção de inconsciente, indo além de sua formação médica e neurológica incorporando saberes da antropologia, filosofia e literatura formulou a hipótese de que interpretando a relação humana que o/a paciente transfere para o/a analista chega-se a um insight, ou seja, um sinal interno de si-mesmo diante do sofrimento. É esta noção que abre a possibilidade da psicoterapia firmar-se, dado que sintomas psicossomáticos estão relacionados com o aparelho psíquico linguagem, significação, simbolismo e além do princípio do prazer (eros) existe uma ambivalência entre a pulsão de vida e pulsão de morte (tânato), sendo a última caracterizada pela regressão ao estado inorgânico após a realização de determinados desejos (FREUD, 2010).

Figura: Coleção particular - Nova York, Freud - Ben Shahn⁶



⁶ Fonte Ariès, P. (2012) História da morte no Ocidente: da Idade Média aos nossos dias. (ed. especial). (Priscila Viana de Siqueira, Trad.). Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira. (Obra original publicada em 1977).

A prática e teoria psicanalítica freudiana recebeu diversas críticas pela suposta supervalorização da sexualidade na interpretação de fenômenos psicológicos inconscientes, o que levou ao surgimento de novas correntes teóricas dentro e fora da psicanálise com rupturas dramáticas de discípulos devido os relatos documentados da rigidez teórico-prática do mestre Sigmund Freud. Uma das rupturas polêmicas foi a criação da psicologia analítica de Carl Gustav Jung (1875-1961) que investigou elementos transcendentais da historicidade dominante ocidental e oriental onde parte do eu (ego) compõe cosmovisão de arquétipos que formam um inconsciente coletivo, as investigações junguianas sobre a morte indicam a forte preocupação em gerar símbolos ao longo da história da civilização, que se intensifica com a noção dos personagens bíblicos de religiões, tribos e outras coletividades (FREUD, 2010; JUNG, 2016)

A morte do outro é um estímulo ambiental que reflete susto, angústia, vazio existencial e dependência afetiva da espécie, colocando dilema da confiança e segurança para aceitar a própria morte inesperada, o vazio existencial pode ser sentido no espaço social denominado zona íntima que é ocupado e transacionado por pessoas de segurança e valorização afetiva. A observação de Charles Darwin (1809-1882) também contribui para explicações em relação às dores emocionais ao ser informado da morte de alguém íntimo com estímulos corporais de ações: membros contorcidos; respiração forte e arrepios; assim como pensamentos de ação: ter realizado prazeres da pessoa enquanto ela ainda estava viva; ter oferecido mais companhia à pessoa quando ainda viva e outras culpabilidades (DARWIN, 2009).

Com a transição da racionalidade de *tempo-linear-medieval* para a *fragmentação-pós-moderna* e o *inconsciente atemporal e inespacial* investigado por Freud, a morte deslocou-se da ritualística residencial do/a moribundo/a para um simbolismo de registro psíquico subliminar e individual também através da tecnologia do que pode ser digitalizável na experiência humano no caso: *a fotografia*. Devido o fenômeno da morte ser representado sociedades/tribos a atuação do fotógrafo ao capturar a vivência produz o paradigma entre *vida-morte* preservando a vida captada de maneira estática e permanente, porém, a realidade capturada pela artificialidade já morreu sendo nos estudos de semiótica barthiana a fotografia como o retorno do morto:

Todos esses jovens fotógrafos que se movimentam no mundo, dedicando-se à captura da atualidade, não sabem que são agentes da Morte. É o modo como o nosso tempo assume a Morte: sob o álbi denegador do perdidamente vivo, de que o Fotógrafo é de algum modo o profissional. [...] é preciso que a Morte, em uma sociedade, esteja em algum lugar; se não está mais (ou está menos)

no religioso, deve estar em outra parte: talvez essa imagem que produz a Morte ao querer conservar a vida. Contemporânea do recuo dos ritos, a Fotografia corresponderia talvez à instrução, em nossa sociedade moderna, de uma Morte assimbólica, fora da religião, fora do ritual, espécie de brusco mergulhado na Morte literal. A Vida/ a Morte: o paradigma reduz-se a um simples disparo, o que separa a pose inicial do papel final (BARTHES, 2012, p.85).

A importância do preparo profissional na área da saúde psicológica sobre a educação para a morte é relatada pelo despreparo das instituições que demandam estimular conhecimento sobre o tema, envolvendo a formação sensível de profissionais da saúde e atendimentos ao público específico desta demanda. Diante da virtuosidade digital e acesso de conteúdos através da internet tornou-se intensa e dinâmica, criando outras dimensões de realidade para “vivê-la” de maneira artificial, o que implica novas significações perante os sentidos da vida (GOLDBERG, 2004).

O imaginário individual e o inconsciente coletivo refletem a diversidade artística do ser humano através de símbolos presentes em ritualísticas e mitos culturais, repercutindo na mais profunda intimidade dos sonhos e pensamentos do cotidiano, incluindo a liberdade de criar crenças próprias ateístas, assim exige-se do profissional de saúde mental abranger diferentes cosmovisões e personagens criados multiculturalmente por determinados grupos para expressar sentimentos e a busca da essencialidade na existência. O sofrimento intenso de indivíduos acometidos por doenças de gravidade crônica afeta desde as relações íntimas até a representação na vida cotidiana perante a sociedade, no caso da cultura brasileira, por exemplo, a insensibilidade social direcionada para o Câncer e a AIDS atua de maneira agressiva diante da vulnerabilidade da pessoa acometida em culturas de estigmas sexuais de condenação hipócrita:

Hoje, nos hospitais e clínicas em particular, não há mais comunicação com o moribundo. Ele não é mais escutado como um ser racional, é apenas observado como um caso clínico, isolado, na medida do possível, como um mau exemplo, e tratado como uma criança irresponsável cuja palavra não tem sentido ou autoridade (ARIES, 2012, p.274).

Diante da tecnologia o senso de importância de si-mesmo diante do mundo material gerou paradigmas, redes sociais de apelo através da fotografia podem caracterizar vagarosamente a perda espacial e o contato real da relação íntima, que no ambiente psicoterapêutico é ressignificada, incluindo o impacto traumático do luto. A cyber-antropologia

compreende que a tecnologia produz inúmeros paradoxos na experiência humana entre eles a micro-singularidade referindo-se a uma informação que produz pensamentos simultâneos em uma massa de pessoas através da internet.

No mundo digital a micro-singularidade possui tendência de surgir com notícias expansivas, a morte de uma celebridade é um exemplo que cria consciência coletiva através de evento midiático despertando sentimentos, emoções e gerando comportamentos, o paradigma imagético digital *vida-morte* constitui-se subliminarmente nas mídias sociais pela intensidade da cultura visual que publica, amplia e replica um senso de importância massivo da exposição do eu-externo digitalizado (morto) com a intenção de projetar um eu-externo real (vivo). As influências de interpretação sobre a morte, seja através da massificação com a artificialidade dos sentidos vitais com a tecnologia até o pânico social que torna o assunto tabu necessita de análises sociológicas que desmistifiquem crenças e rituais medievais para a aceitação da realidade, incluindo o suicídio como fenômeno social (MARX, 2006; DURKHEIM, 2011; CASE, NICOLS & RUSHKOFF, 2014).

Figura 4: “Ele não olha nada; ele retém para dentro seu amor e seu medo: é isto o Olhar.” de A. Kertész: O cãozinho, Paris, 1928.”⁷



⁷ Fonte: BARTHES, R. (2012) A câmara clara: nota sobre a fotografia. (ed. especial). (J. C. Guimarães, Trad.). Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira. (Obra original publicada em 1979).

Na história da civilização ocidental imaginar cenários e personagens conforme descrito anteriormente forma como a noção da morte era percebida e vivenciada englobando aspectos principais do peso que agudiza o tabu herança de credices/misticismos medievais, influenciando profundamente percepções religiosas e espirituais da morte, consequentemente moldando práticas culturais e sociais relacionadas a ela estabelecendo tabus e rituais que perduraram ao longo dos séculos conforme tabela 1 abaixo: “As religiões insistem em negar importância ao fato indiscutível da morte individual e fazer prosseguir a existência além da vida[...]” (FREUD, 2010, p.361).

Prejuízos do misticismo medieval ⁸
Sacralização da Morte: O misticismo medieval frequentemente sacralizava a morte, considerando-a um momento de transição crucial para a vida após a morte. A crença na vida eterna e na salvação da alma influenciava profundamente as atitudes em relação à morte, tornando-a um evento espiritualmente carregado
Medo do Juízo Final: O temor do juízo final e da punição divina também era uma preocupação central. A morte era vista como o momento em que as ações terrenas seriam julgadas por Deus, afetando diretamente o destino eterno da alma,
Tabu em Torno da Morte: Havia um tabu cultural e religioso em torno da morte, especialmente em relação aos rituais funerários e ao luto. Esses rituais eram altamente ritualizados e cercados de simbolismos religiosos, refletindo a importância espiritual e social atribuída à passagem para a vida após a morte;
Visões Escatológicas: O misticismo medieval frequentemente incorporava visões escatológicas, que se concentravam nas profecias sobre o fim dos tempos e no papel da morte como parte integrante desse processo. Isso contribuía para uma visão cósmica e transcendental da morte;

Michel Foucault (1926-1984) investigou a morte como uma representação do ser humano através de pesquisas teóricas nos campos da Filosofia, História, Antropologia, Psicologia e Direito, notando que não há uma essência específica e universal do ser humano, mas sim a pessoa como fruto da historicidade com existência sendo a experiência indireta da morte permanece sendo um mistério e ideia abstrata que carrega certo medo e conforme a base filosófica existencialista a *angústia do ser* (MIOTTO, 2016; SOUZA, 2017).

⁸ Fonte: MCGINN, B. (1991). The Presence of God: A History of Western Christian Mysticism (Vol. 1). Crossroad.

A hermenêutica é um método importante para compreender as tradições e práticas discursivas que perpetuam, desde relações exploratórias do poder dominante gerando mortes precárias a classe dominada até a liberdade da conquista da própria morte em situações degradantes Foucault discutiu como a morte é retratada diante de cada historicidade: "A morte não é apenas um evento biológico, mas uma parte integrante das técnicas de poder e controle. Ela atua como um meio de regulação social, impondo limites e moldando comportamentos" (FOUCAULT, 1975, p. 138).

Figura: Archivo Iconographique, s.a./Corbis. *La Mort et la jeune femme*, de Hans Baldung Grien, c. 1510.⁹



Archivo Iconographique, s.a./Corbis. *La Mort et la jeune femme*, de Hans Baldung Grien, c. 1510

Importante ratificar o Art. 2º do Código de Ética do Psicólogo: “B) O Psicólogo é vedado: Induzir a convicções políticas, filosóficas, morais, ideológicas, religiosas, de orientação sexual ou a qualquer tipo de preconceito, quando do exercício de suas funções profissionais” (CFP, p.9, 2005). Devido os diversos ângulos da postura ética que o/a psicólogo/a deve exercer para não contaminar seu trabalho científico na prática clínica será apresentado uma analogia com a obra de Mary Shelley (2011) *Frankenstein* que inaugurou a ficção científica em 1818.

⁹ Fonte ARIÈS, P. (2012) História da morte no Ocidente: da Idade Média aos nossos dias. (ed. especial). (Priscila Viana de Siqueira, Trad.). Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira. (Obra original publicada em 1977).

TRANSCENDÊNCIA DA ARTE

Segundo o psicólogo existencialista Rollo May (1982) a arte nos permite a reflexão profunda sobre a dualidade da experiência humana: a beleza e a tristeza que a arte, como a música ou a contemplação de uma imagem pode evocar, sendo que a *evitação* da tristeza ao evitar experiências como o *luto* revela um traço de *inibição emocional*, sendo o reconhecimento através do *amor* e da *arte* que enfrentamos o *inevitável paradoxo da morte*. A arte, especialmente a criativa, oferece uma forma de transcendência, permitindo-nos alcançar além da mortalidade e deixar um legado que perdura, assim como a fotografia, a criatividade se torna não apenas importante, mas essencial na nossa busca por significado e imortalidade simbólica:

A música é tão bela que nos enche de tristeza. Vem-nos então à mente o pensamento covarde de que melhor seria não termos visto a árvore, não termos ouvido a música. Assim, não precisaríamos enfrentar esse incômodo paradoxo - saber que “o tempo levará de mim o meu amor”, que tudo o que amamos morrerá um dia. No entanto, essa é exatamente a essência do ser humano: no breve momento de nossa passagem pela terra podemos amar pessoas e coisas, apesar do fato de que o tempo e a morte nos levarão a todos no final. É perfeitamente compreensível que procuremos estender a brevidade desse momento, adiar a morte por um ou dois anos. Mas será sempre uma luta inglória e uma causa perdida. Entretanto, a arte criativa *nos permite alcançar* além da morte. Por isso a criatividade é tão importante, por isso temos de enfrentar o problema do relacionamento entre ela e a morte (MAY, 1982, p.23).

A poética da música, artes plásticas, fotografia, literatura clássica e outras fornecem a por excelência o abandono do *aquém* para o *além*, aquilo que só se dá no mundo sensível longe de qualquer visão de encaixe utilitarista, sendo uma maneira própria a articulação de significados de si-mesmo(a) com o mundo. Um dos textos que contribuiu para a inauguração da categoria *ficção científica* foi de Mary Shelley (1797-1851) *Frankenstein ou O Prometeu Moderno* de 1818, para objetivo de costurar a dimensão existencial e o paradigma da morte abaixo uma breve analogia com a situação dramática do personagem.

O cientista Victor Frankenstein criou um monstro que não pediu para existir e revoltou-se ao ser abandonado pelo próprio criador, imerso em abandono, tristeza e raiva o monstro em sua jornada de busca por sentido existencial mata todas as pessoas que Victor ama como vingança. Em determinado trecho no final do livro clássico de Mary Shelley no convés do navio do capitão Walton que após capturar Victor jogado em um nevoeiro, escuta atentamente a narrativa delirante e maniaca do personagem:

Eu gostaria de acalmá-lo, mas será que posso aconselhar alguém tão profundamente infeliz, tão destituído de qualquer esperança de consolo, que viva? Ah, não! A única alegria que lhe resta está em apaziguar seu espírito atormentado na morte. Ainda tem um último conforto, que é resultado da solidão e do delírio; acredita que em seus sonhos conversa com os amigos e desse contato obtém consolo para suas desgraças e alimento para seu desejo de vingança. Para ele, não se trata de produtos de sua imaginação, mas das próprias pessoas, que vêm de um mundo remoto visitá-lo. Essa fê confere uma solenidade a seu delírio que o torna, a meus olhos, quase tão convincente e interessante quanto a realidade (SHELLEY, 2011, p. 231).

Nota-se a crença psicológica de Victor como tentativa de ajuste do desequilíbrio psíquico causado pela perda das pessoas amadas diante de uma criatura qual gerou vida de maneira imperativa categórica, o que gera revolta diante de quem não desejava existir: eis o dilema da eutanásia e distanási. A compreensão da psicologia científica embasada no Código de Ética Profissional associa-se com a postura tomada pelo capitão do Walton, ou seja, alguém que acolhe Victor no convés do navio escutando atentamente o sofrimento, solidão e angústia existencial do cientista diante de sua criação e obsessões, que culminaram no luto qual está passando devido o monstro ter matado as pessoas amadas.

(...) a criatividade desperta a inveja dos deuses. Por isso, a criatividade autêntica requer tanta coragem: *é uma batalha ativa contra os deuses*. Não tenho a explicação exata, mas posso dizer o que imagino. Desde as eras mais remotas, as pessoas criativas autênticas tem enfrentado essa luta (MAY, 1982, p.25).

A criatividade verdadeira envolve um confronto com forças maiores, simbolizadas aqui como deuses, lembrando Prometeu o deus do fogo que foi acorrentado e deixado em sofrimento diante da sua “ousadia de interferir na ordem” introduzindo o fogo no espaço mundano. O ato criativo genuína desperta inveja ou desagrado das entidades superiores e na destinação das obras, isso porque implica desafios significativos do *ato criativo* como superar conservas culturais e normas estabelecidas que não se sustentam democraticamente, também o fato de percorrer caminhos desconhecidos em busca da expressão autêntica e original subjetiva gerando novos tempos através de algo impactante.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o objetivo de revisar e atualizar o presente trabalho escrito para o seminário nota-se que historicamente o fenômeno da morte faz parte da discussão cultural e embasa o fio condutor de contato com o limite da existência de si-mesmo/a e do outro, a relação do ser com o mundo se forma desde os gregos antigos no estoicismo até a atualidade como fato inalienável da condição humana, envolvendo medo, angústia, coragem e aceitação. A fatalidade inevitável da morte representa uma limitação de não poder mais ser no mundo, essa representação é fundante e essencial para compreender o existencialismo e a busca pela essência de si-mesmo/a no mundo envolvendo o desdobramento da perda dos laços sociais.

A perda fatal de uma relação íntima necessita ser ressignificada com acompanhamento de psicólogo/a para a vivência e compreensão das dores subjetivas do luto, seja via psicanálise freudiana, psicologia analítica de jung, gestalt-terapia, logoterapia e outras abordagens fenomenológico-existenciais que levam em consideração a historicidade do ser humano e colocam a linguagem como centro da tomada de consciência. Cabe aqui colocar que abordagens/profissionais que ignoram a historicidade, linguagem, subjetividade, personalidade e reduzem-se a um materialismo eliminativista são contraditórias pois acabam postulando uma “metafísica materialista” mecanicista cartesiana de “mundo relógio” dando a falsa impressão de que a história, filosofia ou psicologia estariam superadas reduzindo a vida em estímulo-resposta ambientalista, podendo trazer graves consequências iatrogênicas clínicas e culturais.

Conclui-se a necessidade de compreensão multifatorial sobre o aspecto linguístico, simbólico cultural de um tema sensível como a morte retomando a ética do/a historiador/a e psicológico/a exige certa amplitude para equilibrar o significado existencial recíproco na emergência da situação histórica exclusivamente a importância da fotografia como registro do movimento vivido. O objetivo da pesquisa abordada foi explicitar tópicos existenciais que incluem o drama humano diante do medo de cair no anonimato material e imaterial provocado pela morte e por fim registra-se a necessidade da pesquisa continuar na possibilidade de futuros estudos em mestrado ou doutorado envolvendo eutanásia, distanásia e stop-motion.

REFERÊNCIAS

ARIÈS, P. *História da morte no Ocidente: da Idade Média aos nossos dias*. Edição especial. Tradução de Priscila Viana de Siqueira. Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira, 2012. (Obra original publicada em 1977).

- BARTHES, R. *A câmara clara: nota sobre a fotografia*. Edição especial. Tradução de Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira, 2012. (Obra original publicada em 1979).
- CASE, A.; NICHOLS, M.; RUSHKOFF, D. *An illustrated dictionary of cyborg anthropology*. English ed. Kindle Store: Amazon Serviços de Varejo do Brasil Ltda, 2014.
- CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. *Código de ética profissional do psicólogo*. Brasília, DF, 2005.
- DARWIN, C. *A expressão das emoções no homem e nos animais*. 3ª reimpressão. Tradução de Luiz de Souza Lima Garcia. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2009. (Obra original publicada em 1872).
- DURKHEIM, E. *O suicídio: estudo de sociologia*. 2ª ed. Tradução de Mário Stahel. São Paulo, SP: WMF Martins Fontes, 2011. (Obra original publicada em 1897).
- ELIAS, N. *A solidão dos moribundos, seguido de, Envelhecer e morrer*. Tradução de Pedro M. Dentzien. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 2001. (Obra original publicada em 1982).
- FOUCAULT, M. *Discipline and Punish: The Birth of the Prison*. Tradução de Alan Sheridan. Pantheon Books, 1977. (Original work published 1975).
- FREUD, S. *História de uma neurose infantil: ("O Homem dos Lobos"): além do princípio do prazer e outros textos (1917-1920)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- GOLDBERG, J. P. *Cultura da agressividade*. 3ª ed. rev. e ampl. São Paulo, SP: Landy Editora, 2004. (Obra original publicada em 1984 com o título: Psicologia da agressividade).
- HAWKING, S. *A história do tempo: do big bang aos buracos negros*. Tradução de Maria Helena Rouanet. 5ª ed. São Paulo, SP: Intrínseca, 2018.
- JUNG, C. G. (org.). *O homem e seus símbolos*. 3ª ed. Tradução de Maria Lúcia Pinho. Rio de Janeiro, RJ: HarperCollins Brasil, 2016. (Obra original publicada em 1964).
- LEVINAS, E. *O tempo e o outro*. Tradução de José Pinto Ribeiro. 2ª ed. São Paulo, SP: Perspectiva, 2000.
- MARX, K. *Sobre o suicídio*. Tradução de Rubens Enderle & Fernanda Fontanella. São Paulo: Boitempo, 2006. (Original impresso no Espelho da Sociedade – Órgão de Representação das Classes Populares Despossuídas e de Análise da Situação Social Atual em 1846).
- MAY, R. (1982) *A coragem de criar*. 4ª ed. Tradução de A. S. Rodrigues. Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira. (Obra original publicada em 1975).
- MCGINN, B. *The Presence of God: A History of Western Christian Mysticism (Vol. 1)*. Crossroad, 1991.
- MIOTTO, M. L. *Da psicologia à questão da "morte do homem" em Michel Foucault*. Trans/Form/Ação, 39(2), 119-146, 2016. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-31732016000200007>
- PILAGALLO, O. *O sagrado na história: cristianismo*. São Paulo, SP: Duetto, 2010.
- SARTRE, J.-P. *O Ser e o Nada*. Tradução de Paulo Perdigão. Vozes, 2010. (Obra original publicada em 1943).
- SARTRE, J.-P. *O existencialismo é um humanismo*. 4ª ed. Tradução de J. B. Kreuch. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014. (Obra original publicada em 1946).

SÊNECA. *A brevidade da vida*. Tradução de Luiz Feracine. São Paulo, SP: Editora Escala, 2007. (Obra original publicada 49 d.C).

SHELLEY, M. *Frankenstein ou O Prometeu Moderno*. Edição especial. Tradução de Adriana Lisboa. Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira, 2011. (Obra original publicada em 1818).

SOUZA, R. F. B. de. *Relações Antropológicas-Críticas na Arqueologia de Michel Foucault*. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2017.